



Em Movimento

SETEMBRO DE 2026 | ANÁLISES E ATUALIZAÇÕES DA ASSEMBLEIA INTERNACIONAL DOS POVOS

Dezessete anos no cárcere: a construção e a desconstrução do movimento de presos palestinos

Caros camaradas, saudações internacionalistas! Sejam bem-vindos e bem-vindas a esta edição do **Boletim Em Movimento** da [Assembleia Internacional dos Povos \(AIP\)](#).

Ao longo de 1987, as forças sionistas intensificaram sua brutal campanha militar no Líbano, realizando ataques aéreos e bombardeios de artilharia implacáveis contra centros populacionais no Sul do país. O Exército israelense atacou aldeias e cidades libanesas indiscriminadamente, matando centenas de civis, incluindo mulheres, crianças e idosos que não tinham nenhuma ligação com qualquer conflito armado. Esses não foram incidentes isolados, mas operações sistemáticas que destruíram casas, escolas, hospitais e bairros inteiros. As aldeias foram reduzidas a escombros, e os sobreviventes foram deixados à própria sorte em paisagens devastadas, sem abrigo, alimentação ou assistência médica adequada. A ocupação e a presença militar transformaram o Sul do Líbano em uma zona de guerra, onde pessoas comuns viviam sob constante medo de bombardeios. O ano de 1987 representa mais um ano em uma longa história de agressão militar e ocupação estrangeiras que causaram sofrimento imensurável à população civil.

No mesmo ano, a oeste do Monte Hermon, um jovem combatente da Frente de Resistência Nacional Libanesa foi ferido, cercado e capturado após uma batalha que matou vários oficiais e soldados israelenses que haviam saltado de um helicóptero. O que se seguiu foram 100 dias de interrogatório e tortura em um centro de inteligência militar entre Lod e Ramla, seis meses de prisão preventiva e uma sentença de 30 anos proferida por um tribunal militar perante o qual ele se recusou, desde a primeira sessão, a comparecer.

Esse combatente é Anwar Yassine, hoje membro do Comitê Central do Partido Comunista Libanês. Ele passou os 17 anos seguintes em prisões sionistas – primeiro em Ramla, depois em Ashkelon –, e tornou-se parte do núcleo organizativo do movimento dos prisioneiros palestinos: as greves de fome, a liderança unificada das facções, a disciplina coletiva que transformou algumas das medidas mais severas dos sionistas no que ele chama de “escolas políticas”.



Nessa entrevista, Yassine conta essa trajetória a partir de dentro. Ele descreve um movimento construído a partir de cada bloco de celas herdado da lei de emergência do Mandato Britânico e como aprendeu a garantir concessões: estudos universitários, exames do ensino médio, alimentação melhor, mais canais de televisão, inclusive a demissão de um carcereiro por meio de uma greve de fome de 18 dias, além de anos de disciplina acumulada. Ele descreve os seis anos da Primeira Intifada como os mais fortes da história do movimento.

Ele relembra os veteranos que levaram adiante essa disciplina: presos como o mártir Omar al-Qasem, detido desde 1968 e morto por negligência médica após 21 anos na prisão, cuja experiência foi transmitida aos jovens combatentes que a Intifada enviou para as celas depois dele.

Também conta como os Acordos de Oslo de 1993 dividiram esse movimento com a mesma linha que dividiu o cenário político palestino como um todo: entre aqueles que apostaram na negociação e aqueles que viram nela uma máquina de concessões sem limites. Essa fratura, argumenta Yassine, é a verdadeira história por trás do que parece ser uma escalada recente.

A tortura, o isolamento de líderes como Ahmad Sa'adat, Marwan Barghouti e Abbas al-Sayed, a legislação sobre a pena de morte que a ocupação ratificou desde 7 de outubro de 2023, a designação de “combatente ilegal” inventada para detidos de Gaza; nada disso, em sua interpretação, é novidade. É a consequência, não a causa, de um movimento de presos cuja vontade coletiva se fragmentou assim que o movimento fora das paredes se fragmentou primeiro.

“Se o movimento dos presos estiver unido, ou, inversamente, se a rua palestina estiver unida, então, naturalmente, o movimento nacional dos presos estará

unido”, diz ele. “Mas a divisão na rua palestina refletiu-se como divisão dentro do movimento dos presos.”

Ao longo do relato, Yassine descreve as pequenas e deliberadas maneiras pelas quais um carcereiro desgasta uma população, as revistas humilhantes das famílias que vêm visitar, a crueldade cotidiana do humor de um oficial que decide o que pode ser levado para dentro de uma cela e a aritmética de uma sentença. Ele esperava, segundo seus próprios cálculos, algo próximo a 500 anos pelos oficiais e soldados mortos na batalha que levou à sua captura; um detalhe jurídico sobre o local exato em que foi capturado reduziu a pena para 30 anos.

Ele é igualmente direto sobre o que vê como uma confusão deliberada na forma como se pede ao mundo que entenda os prisioneiros palestinos, tratando-os como um caso humanitário em vez de político. Figuras como Barghouti e Sa’adat, argumenta ele, são alvo precisamente porque são líderes políticos capazes de sustentar um projeto nacional, e a mesma lógica acompanha os prisioneiros libertados até o exílio, onde os governos anfitriões fazem do silêncio sobre a política palestina uma condição para sua liberdade.

A conversa se encerra com Gaza desde 7 de outubro de 2023, as “batalhas” fragmentadas pelo Norte, Centro e Sul da Faixa, que Yassine interpreta como uma guerra contínua em vez de três guerras separadas, e a expansão dos assentamentos na Cisjordânia que, segundo ele, responde à rejeição pública de Netanyahu à criação de um Estado palestino com fatos concretos no terreno. “Se uma política como essa tiver sucesso em toda a pátria palestina”, diz ele, “não vai parar por aí, vai se espalhar para outros lugares”.

O que emerge é menos uma entrevista isolada e mais uma história condensada do movimento nacional palestino, tal como foi vivido e organizado a partir de dentro de uma cela israelense: a herança da lei colonial, a disciplina da luta coletiva, os danos específicos causados pelos Acordos de Oslo e um argumento, apresentado por alguém que passou 17 anos testando-o, de que a atual onda de repressão não é uma aberração, mas um sintoma. É também, em suas páginas finais, um argumento para tratar a causa dos presos como inseparável da questão mais ampla da vida política palestina: não um apelo humanitário a ser resolvido discretamente, mas uma frente na mesma luta que se estende de todo o território palestino até Gaza.

[Leia a entrevista completa aqui.](#)

Atualizações



Manifesto pela libertação do presidente Nicolás Maduro e da deputada Cilia Flores

Quase nove meses após as forças dos EUA terem entrado na Venezuela em 3 de janeiro de 2026 e capturado o presidente Nicolás Maduro e a primeira-dama Cilia Flores, sem processo de extradição ou autorização do Conselho

de Segurança, a ALBA Movimientos e a AIP publicaram um manifesto, assinado por centenas de pessoas e organizações de todo o mundo, exigindo sua libertação imediata. O manifesto observa que as acusações de tráfico de drogas contra Maduro se baseiam no suposto “Cartel de los Soles”, uma organização que o próprio governo dos EUA reconhece não existir, e argumenta que a acusação viola o Artigo 2(4) da Carta das Nações Unidas e a imunidade de chefe de Estado. Ele cita Trump afirmando que o objetivo da operação “sempre foi colocar o governo bolivariano de joelhos” e clama pelo fim dos processos judiciais, pelo pleno respeito à soberania venezuelana, pela rejeição, por parte dos Estados e organizações, da jurisdição extraterritorial e pelo fim da “guerra contra as drogas” como pretexto para intervenção na América Latina. [Leia mais](#)



As eleições brasileiras de 2026: ameaça imperialista e alerta internacionalista

Antes das eleições de 4 e 25 de outubro no Brasil, com um empate técnico entre a aliança democrática de Lula e o candidato de extrema direita Flávio Bolsonaro, entre mais de 158 milhões de eleitores qualificados, a AIP e a ALBA Movimentos alertam sobre denúncias de tentativas de autoridades do governo Trump de lançar dúvidas sobre a integridade da votação, incluindo isenção de tarifas condicionada à participação de “dissidentes políticos”. A declaração convoca as organizações de base a monitorarem o processo, denunciarem a interferência imperialista e apoiarem as organizações populares brasileiras contra as ameaças à soberania democrática. [Leia mais](#)



Contra a escalada da normalização com Israel

O Partido Via Democrática dos Trabalhadores do Marrocos condena a decisão do governo marroquino de intensificar as relações diplomáticas com Israel, levando-as ao nível de troca de embaixadores e à abertura de embaixadas, descrevendo-a como uma grave escalada da normalização que institucionaliza a cooperação nos domínios diplomático, econômico, de segurança e tecnológico e aprofunda a dependência política e militar de Marrocos em relação aos círculos sionistas e imperialistas. O partido traça uma linha clara entre preservar a herança judaica de Marrocos e legitimar a política israelense em relação aos palestinos, e exige a reversão completa da normalização, a suspensão de todos os acordos políticos, de segurança, técnicos e econômicos com Israel, a proteção ao direito de protestar contra isso e o apoio renovado aos direitos

nacionais palestinos, incluindo o direito de retorno e à autodeterminação. [Leia mais](#)



A economia de guerra do Sudão aprofunda o abismo econômico

O Comitê Econômico do Partido Comunista Sudanês avalia que a guerra levou o país à mais grave crise econômica e social de sua história moderna. Uma economia paralela na qual interesses militares e comerciais se entrelaçam com redes de contrabando, agravando décadas de falhas estruturais: desenvolvimento desigual, um setor produtivo enfraquecido, corrupção e dependência de rendas e impostos em vez da produção. O Sudão perdeu um total acumulado de 43% de sua produção real entre 2023 e 2024, à medida que a atividade econômica cessou em grande parte do país. Em agosto e setembro de 2026, o dólar havia ultrapassado os 6 mil SDG no mercado paralelo, e o Departamento Central de Estatística estima que 82,8% da população viva agora abaixo da linha da pobreza, com a insegurança alimentar se espalhando na mesma proporção. [Leia mais](#)



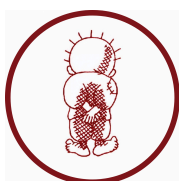
Três anos da AES: um apelo à ação, por Pan-Africanismo Hoje

No terceiro aniversário da formação da Aliança dos Estados do Sahel, em 16 de setembro de 2026, a secretaria do Pan-Africanismo Hoje lançou um chamado à ação. O texto enquadra o amadurecimento de uma aliança defensiva na Confederação dos Estados do Sahel – incluindo a retirada da CEDEAO, uma Força Unificada, um Parlamento Confederal inaugurado e o Banco Confederal de Investimento e Desenvolvimento (BCID-AES) – como a infraestrutura concreta de uma soberania genuína, e não como mero protesto contra o neocolonialismo. Citando uma recente resolução do Parlamento Europeu sobre os assuntos internos do Níger como “o exemplo mais recente do reflexo neocolonial”, a secretaria convoca organizações em todo o mundo a emitirem declarações de solidariedade, mobilizarem atos de rua e eventos de formação política em torno do aniversário. Também chamam ao apoio a compromissos da AES: acabar com o franco CFA e anular os tratados da era colonial herdados da Conferência de Berlim. A convocatória estende a mesma solidariedade a “todos os povos obrigados a pagar um preço pela sua luta pela libertação, da Palestina a todo o continente africano”. [Leia mais](#)



Solidariedade em julgamento: ManiFiesta e o argumento a favor de uma frente revolucionária

Cerca de 17 mil pessoas se reuniram em Ostend, nos dias 12 e 13 de setembro, para o ManiFiesta, o festival anual de política, música e debate do Partido dos Trabalhadores da Bélgica, com a banda de Manu Chao como atração principal e com a participação de profissionais da saúde, que usaram a plataforma para exigir medidas contra o genocídio e a militarização como uma questão de dever profissional. Dias antes da abertura, o ministro da Defesa, Theo Francken, sugeriu que a nova lei antiterrorismo da Bélgica poderia se aplicar aos palestrantes do festival, rotulando-o nas redes sociais como “o festival comunista do ódio aos judeus”. O secretário-geral do PVDA/PTB, Peter Mertens, acusou-o de tentar desacreditar um encontro de solidariedade em vez de se envolver com ele, enquanto Francken negou ter pedido a proibição do evento. A tentativa de criminalizar o espaço onde tais encontros ocorrem apenas reforça o argumento apresentado por Manolo De Los Santos: que o imperialismo, fraco em muitos lugares, mas cada vez mais violento a cada dia, ávido por recursos, por dominação e pela exploração total do Sul Global, só pode ser enfrentado pela organização de uma frente revolucionária que una todos os que se opõem à sua agenda de catástrofe climática, guerra sem fim e extrema direita, trava-se “no campo das ideias, mas também nas ruas”.



Mtetezi wa mkulima ni mkulima mwenyewe: O defensor do agricultor é o próprio agricultor!

De 29 de setembro a 1º de outubro, 850 pequenos agricultores de toda a Tanzânia se reuniram em Morogoro para a Conferência Nacional dos Pequenos Agricultores e a 31ª Assembleia Geral Anual da Mtandao wa Vikundi vya Wakulima Tanzania (MVIWATA), sob o tema “Rumo à Soberania Alimentar: Segurança Fundiária, Agroecologia e Justiça Econômica para os Pequenos Agricultores”. Os agricultores relataram a perda de terras e de vidas em conflitos fundiários não resolvidos; delegados de cinco regiões descreveram um sistema de comercialização que deixa o preço nas mãos de terceiros. A conferência decidiu levar os casos fundiários dos membros ao governo, documentar as falhas nos mercados de safras, criar um banco de sementes dedicado às sementes indígenas e abrir um fórum inclusivo sobre o comércio de carbono. Os embaixadores de Cuba e da Palestina estiveram presentes, juntamente com pequenos agricultores que declararam solidariedade aos povos de Cuba e da

Palestina. O Secretariado do Pan-Africanismo Hoje participou do programa e transmitiu uma mensagem de solidariedade.

Em Solidariedade

Cuba não é uma ameaça



À medida que os EUA intensificam seu bloqueio e impedem o abastecimento de combustível a Cuba, o mundo testemunha um genocídio silencioso na ilha: apagões que significam cirurgias adiadas, medicamentos que não conseguem chegar à ilha, médicos e professores trabalhando no escuro. Por trás desse sofrimento, há um arsenal de tratados ilegais: a Lei Helms-Burton e a ativação, em 2019, de seu Título III; a redesignação de Cuba como Estado patrocinador do terrorismo; a emergência nacional de janeiro de 2026; tarifas sobre países que fornecem petróleo a Cuba; e a Ordem Executiva 14404 de maio de 2026, que estende o bloqueio além das fronteiras dos EUA, levando à escassez total de combustível. Esse é um padrão que Washington vem seguindo há seis décadas para quebrar um povo que nunca deixou de compartilhar o pouco que tem, incluindo médicos enviados para cuidar de outras pessoas ao redor do mundo. Com a 81ª sessão da Assembleia Geral da ONU marcada para votar novamente sobre o bloqueio nos dias 27 e 28 de outubro, a AIP convoca organizações em todo o mundo a realizar campanhas informativas contra a narrativa falsa de uma “ameaça cubana”, realizar ações públicas em torno da votação, organizar ajuda material – medicamentos, suprimentos médicos e painéis solares para compensar a crise de combustível –, e preparar sua base para se mobilizar caso a ilha enfrente um ataque militar.

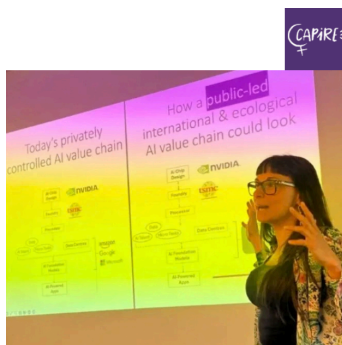
Notícias



Autoridades israelenses ordenaram o fechamento total da Cisjordânia

As autoridades israelenses ordenaram o fechamento total de todos os pontos de passagem de entrada e saída da Cisjordânia de 27 de setembro até, pelo menos, 3 de outubro, deixando pacientes, idosos, gestantes e crianças desacompanhadas retidas nos postos de controle por horas, enquanto mais de 100 colonos invadiram cidades a oeste de Ramallah sem qualquer impedimento.

[Leia mais](#)



Cecilia Rikap: “As grandes empresas de tecnologia estão se envolvendo em uma nova forma de extrativismo”

A economista argentina Cecilia Rikap argumenta que as grandes empresas de tecnologia praticam o “extrativismo do conhecimento”, apropriando-se de dados e da ciência produzidos coletivamente, ao mesmo tempo em que controlam quais conhecimentos são desenvolvidos.

[Leia mais](#)



Marcha federal em defesa da saúde pública na Argentina

Mais de 80 organizações se mobilizaram do Ministério da Saúde até a Praça de Maio em 27 de setembro, exigindo que o governo Milei reverta os cortes que devastaram os hospitais nacionais, os salários dos trabalhadores, os suprimentos médicos e as agências destinadas a sustentá-los.

[Leia mais](#)



Marrocos reprime ativistas em meio ao crescente apelo de boicote eleitoral

À medida que a oposição às eleições de 23 de setembro se intensificaram, transformando-se em apelos ao boicote do que os críticos chamam de “teatro antidemocrático”, as autoridades marroquinas agiram contra os ativistas que organizaram o movimento.

[Leia mais](#)



Agência de inteligência brasileira alerta para interferência “crítica” dos EUA nas eleições brasileiras

Relatório indica que Washington busca reduzir a influência da China e expandir seu controle sobre a América Latina.

[Leia mais](#)



Países do BRICS pedem fim do bloqueio dos EUA a Cuba e condenam violações de Israel e dos EUA no Irã

Na 18ª cúpula do BRICS em Nova Délhi, 11 Estados-membros exigiram o fim imediato do bloqueio cada vez mais rigoroso dos EUA a Cuba e condenaram “ataques deliberados à infraestrutura civil e a instalações nucleares pacíficas” no Irã, ao mesmo

tempo em que apoiaram a criação de um Estado palestino dentro das fronteiras de 1967.

[Leia mais](#)



“Vamos lutar e vamos vencer”: o compromisso pan-africanista por trás das reparações

Três décadas de mobilização pan-africanista em prol da justiça reparatória produziram ganhos institucionais reais: o reconhecimento pela ONU, por parte de Gana, da escravidão como um dos piores crimes contra a humanidade; o plano de reparações de dez pontos da CARICOM apresentado ao Parlamento em julho de 2026; e um novo centro universitário de reparações na Jamaica.

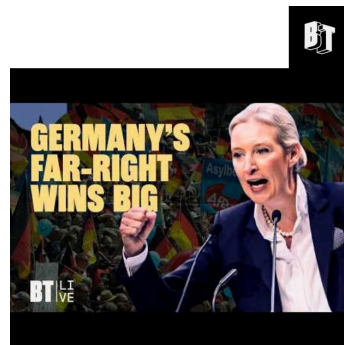
[Leia mais](#)



Nicolás Maduro é inocente

Maduro enfrenta acusações de tráfico de drogas baseadas no suposto “Cartel de los Soles”, uma organização que a própria Associated Press descreve como “não sendo um cartel propriamente dito”, enquanto a Venezuela produz uma fração da cocaína traficada pela Colômbia, pelo Peru ou pela Bolívia. O caso, argumenta este artigo, abre um precedente para que os tribunais dos EUA reivindiquem jurisdição ilimitada sobre chefes de Estado estrangeiros.

[Leia mais](#)



Como a AfD está usando Israel para reformular a imagem da extrema direita alemã

A AfD, um partido fundado por conservadores antes de facções neonazistas assumirem o controle, agora se autodenomina “a força política mais pró-Israel da Alemanha”, uma reformulação de imagem que, segundo o ativista antifascista Philipp Slanina, permite que o partido reivindique imunidade contra o rótulo de neonazista, mesmo enquanto promove algumas das repressões mais severas ao discurso pró-palestino na Europa.

[Leia mais](#)

Análises e Alertas

Caminhando sobre duas pernas: o socialismo da modernização chinesa

A experiência chinesa demonstra que a verdadeira independência nacional exige tanto o avanço tecnológico quanto o realinhamento constante do poder econômico, comprovando que os mecanismos de mercado podem ser direcionados para as necessidades humanas em vez do lucro.

[Leia mais](#)

BRICS em Déli: construindo um sistema comercial livre do controle ocidental

Quando Washington pode congelar os recursos financeiros de uma nação à vontade, a resposta que emergiu da recente cúpula na Índia não foi uma moeda rival, mas uma reestruturação discreta da forma como os países realizam pagamentos entre si.

[Leia mais](#)

A juventude demanda um futuro

Por trás dos levantes generalizados da juventude, reside uma gritante contradição: um sistema econômico que protege o capital enquanto priva os jovens de trabalho digno, da comunidade e da confiança de que o amanhã pode ser diferente.

[Leia mais](#)

De solo e sangue: a literatura revolucionária de Lu Xun noventa anos após sua morte

Através de ensaios políticos e discursos da última década de sua vida, recorreremos às reflexões de Lu Xun sobre a linguagem, o desespero, o internacionalismo e o substrato cultural necessário para a transformação social.

[Leia mais](#)

Assembleia Internacional dos Povos



Este e-mail foi enviado para {{ contact.EMAIL }}

Você recebeu este e-mail porque se inscreveu para nosso boletim informativo.

[Cancelar inscrição](#)